

A Borboleta



Liége Báccaro Toledo

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Copyright © 2013, Liége Báccaro Toledo.

autoria
Liége Báccaro Toledo
astreya.bhael@gmail.com

revisão
Liége Báccaro Toledo

ilustração da capa
Angela Takagui
angelaclub@gmail.com

Publicado em Setembro de 2013
Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9610 de 19/02/1998.

É proibida a reprodução total ou parcial, por quaisquer meios existentes ou que venham a ser criados no futuro sem autorização prévia, por escrito, dos autores.

Esse conto é parte da obra *O Enigma da Lua – O círculo dos sete*. Conheça o trabalho da autora Liége Báccaro Toledo no blog oficial da série *O Enigma da Lua* – www.oenigmadalua.blogspot.com.

Conheça o trabalho da ilustradora Angela Takagui no blog www.angeilustradora.blogspot.com.



A dama da borboleta

No início, existiam apenas luz e escuridão.

Duas forças que pairavam acima do que hoje conhecemos como “bem” e “mal”, duas polaridades neutras, vibrantes, onipotentes. Duas energias. Duas potências energéticas, em perfeito equilíbrio e harmonia.

E elas entrelaçaram-se e criaram. Criaram porque vibravam em uníssono e espalharam por aquele espaço infinito, retumbante e vazio os resultados de suas melodias estupendas, vindas da junção daquelas forças que jamais se separariam novamente em seu equilíbrio constante.

E assim nasceram os Deuses.

Filhos das energias que agora guardavam dentro de si mesmos, a luz e a escuridão, eles possuíam as centelhas de seus pais, que os tornavam divinos. No início, todos possuíam em seu âmago o mesmo equilíbrio que a luz e a escuridão exibiam em sua perfeita união.

E foi nesse momento que cada Deus também criou.

Criaram planetas e filhos. E nesses filhos colocaram fragmentos de suas centelhas de luz e escuridão. E o equilíbrio e a santidade tão amadas começaram então a adquirir novos aspectos.

Pois nos filhos dos Deuses essas centelhas começaram a conhecer o desequilíbrio.

E esse desequilíbrio, jamais previsto pelos Deuses, começou a gerar as mais diferentes manifestações. Manifestações que os fascinaram. Naqueles que mais cultivaram as sombras havia então o mal, e sua manifestação mais sublime era o ódio. Por outro lado, naqueles que cultivavam mais a luz, havia o bem, e sua manifestação suprema era aquilo que os Deuses convencionaram chamar de amor.

E eis então que seus filhos haviam criado. E desse modo os filhos, impressionantemente, passaram a influenciar de alguma forma seus pais.

Os Deuses passaram a celebrar o bem e suas formas de manifestação. E não se interessavam pelo mal, que destruía e consumia aquilo que haviam feito. E então quiseram os Deuses eliminar, como fosse possível, aquela detestável força de suas criações.

E assim tiveram uma ideia: criaram, juntos, um lugar apenas para aqueles que transgrediam os padrões que consideravam ideais para seus mundos. Um único planeta, onde deixariam todos que nada tinham a acrescentar de belo ou de bom a seus mundos.

E assim nasceu Edrim.

Um planeta desamparado, fustigado pelo ódio e pela destruição. Filhos esquecidos e abandonados à própria sorte. Mas não para sempre... não...

Uma das filhas da luz e da sombra apiedara-se. Absorvera para si um pouco dos sentimentos engendrados em seus filhos, e ali estava ela, cheia de compaixão e amor por suas criações e as de seus irmãos que haviam sido renegadas. Haveria alguma forma de devolvê-las ao menos ao equilíbrio, à harmonia que advinha da verdadeira neutralidade. Ela tinha que fazer algo. Ela iria fazer algo.

Os Deuses riram de sua irmã. Alguns haviam se tornado mais frios e egoístas, acreditando ainda estarem sob o equilíbrio da neutralidade. Mas nenhum deles estava mais sob a influência da harmonia de seus pais. Manifestavam também as formas-sentimento trazidas a eles por seus filhos.

Contudo, foi assim que aquela Deusa, que vibrava com uma energia repleta de compaixão, tornou-se a patrona de Edrim, e dessa forma fez parte de uma das mais belas transformações de todo aquele universo.



Ela corria desesperada.

Sangue escorria em seu rosto. Será que estava fadada a sofrer pelo resto de sua vida por ter se casado com um humano? Será que não conseguiria agora proteger sua criança?

Sua criança. Uma linda meio-elfa. Cabelos claros como os do pai, um elfo, olhos castanhos como os

dela, uma humana. Chamara-a Lyriel. Como se a Deusa lhe tivesse concedido um presente, a menina era meiga e doce, mais do que qualquer criança que já conhecera, e enchia a todos de alegria. Katriana acreditava que sua filha era especial. Assim como Velnor, o primeiro meio-elfo de toda Edrim, era um ser visto com encanto pelos corações de bem, Lyriel era para a mãe uma criatura especial e cheia de luz.

Antigamente, as duas raças – elfos e humanos - viviam em guerra, com ódio e preconceito as separando. A miscigenação entre elas fora encarada com repulsa e horror por aqueles que sustentavam ainda a ideia de supremacia em relação à própria raça. Humanos queriam aniquilar elfos, e elfos, humanos. Afinal, aqueles eram os filhos que haviam sucumbido às sombras. Eram os filhos renegados por carregarem negatividade exacerbada. Mas a Deusa Lua estava certa...

Em meio a todo o ódio que parecia cobrir Edrim como uma mortalha, surgiu, enfim, luz. A princesa élfica Elyadre e o prisioneiro de seu povo, o humano Soltivan, enxergaram-na. Melhor do que isso, eles deram origem a ela. Cresceu entre eles amor, e por mais que seu caminho estivesse cheio de pedras, eles mantiveram-se nele. E descobriram que não estavam sozinhos: outros pensavam como eles. Descobriram, com muita surpresa e alegria, que entre elfos e humanos havia aqueles que desejavam nada mais do que a paz. Só precisavam que alguém tivesse a coragem de dar voz a seus ideais. E assim Elyadre e Soltivan acumularam companheiros e seguidores, e fundaram, após anos de muita luta, a cidade de Myriar e o primeiro templo de Edrim dedicado à Deusa.

E de Soltivan e Elyadre nasceu também o primeiro meio-elfo, Velnor.

Perto de Myriar, em um vilarejo pacato, nascera também a pequena Lyriel. Fruto do amor de Katriana e Delon. Uma humana e um elfo. Eram felizes. Eram muito felizes.

Mas agora Delon estava morto, e Katriana fugia com Lyriel nos braços.

Daquela vez havia sido um grupo de humanos. Por vezes eram elfos. Eles atacavam os vilarejos próximos a Myriar como uma espécie de vingança. Buscavam minar a confiança das pessoas que queriam unir-se a Soltivan e Elyadre. Delon lutara até o último momento, mas fora brutalmente assassinado enquanto sua esposa fugia e tentava salvar a linda criança deles. Porque meio-elfos eram odiados. Eram vistos como aberrações. Eram certamente os primeiros a morrer nas mãos daqueles que não partilhavam dos ideais de Soltivan e Elyadre.

Por isso mesmo, Katriana corria. Corria como nunca correria antes, o sangue de uma ferida na testa embaçando sua visão. Os humanos a perseguiram. Eles pareciam já diferentes, maiores, mais bestiais, do que os humanos normais. Com horror, Katriana percebeu que estavam se transformando. As sombras os transformavam. O mal os corrompia, espiritual e fisicamente.

E aqueles monstros matariam a ela e sua filha.

Não havia como escapar. Eles invariavelmente a alcançariam. Eram muitos e tinham sede de sangue. Ela não podia imaginar o que fariam a ela e Lyriel antes de matá-las. Por isso mesmo, Katriana tomou uma decisão.

Estando um pouco à frente de seus perseguidores, Katriana tomou um caminho que já conhecia. Havia ali perto uma ponte que cruzava o rio Sarion, e era para lá que ela se dirigiria. Não daria aos monstros a oportunidade de tocar em um fio de cabelo de sua filha. Lyriel chorava, parecendo prever seu destino. Uma vida tão curta, e mais uma luz apagada.

Katriana atingiu seu destino. Olhou para o rio gelado que ainda exibia os resquícios do inverno, e sentiu

seu coração despedaçar ao fitar os olhos de sua filha. Não era aquele o futuro que planejara para ela. Ao ouvir os gritos de seus perseguidores se aproximarem, no entanto, a resolução de Katriana encontrou forças para se realizar.

E assim a mãe pulou, segurando Lyriel nos braços, um grito cortando os céus e fazendo os pássaros que estavam empoleirados nas árvores ao redor voarem. A própria natureza pareceu responder naquele momento ao lamento da mãe que afundou no rio com a filha de sua carne, e o vento agitou-se balouçando galhos e folhas e fustigando os humanos que perseguiam Katriana. E em seu âmagô, a mulher fez uma última súplica antes de desmaiar, tomada pelo torpor do frio. Um frio que doía como se milhares de finos espinhos perfurassem sua pele. O frio da água e da morte.

Deusa, por que nos fizeste tão frágeis? Por que não me proveu de garras e dentes e asas para defender minha cria, como fizeste aos animais e criaturas que vivem nas florestas? Por que não me fizeste nascer uma criatura monstruosa, pois teria eu preferido! Teria eu preferido, pois assim ninguém teria se aproximado de nós, ninguém teria apagado a luz de nossas vidas. As sombras fortalecem aquelas que as seguem. E a luz nos tornou belos e cheios de alegria, mas somos frágeis como a chama de uma vela. Oh, Deusa, quisera eu ser uma mãe fera! Quisera eu ter nascido uma besta...



Na tarde em que Katriana morreu, o primeiro dragão foi visto nos céus de Edrim.

A criatura sobrevoou Myriar por longos minutos, trazendo pânico aos corações de seus habitantes. A Ordem dos Cavaleiros Brancos, liderada por Soltivan, organizou-se com lanças e magia para combater a estranha criatura que arrebatava o horizonte. Pensavam se tratar de alguma entidade conjurada por um feiticeiro maligno, ou mandada pela linhagem de elfos a qual Elyadre pertencia e que a renegara veementemente.

Mas logo o medo se dissipou, pois aos poucos todos perceberam que aquela não se tratava de uma criatura maligna.

Era lindo, o dragão. Um ser não conhecido ainda pelos habitantes de Edrim, o dragão original fora uma criatura engendrada e planejada com cuidado por todos os Deuses, antes que estes houvessem criado seus outros filhos: elfos, humanos, anões, e ainda outros pouco conhecidos, seres de universos distantes. Percebendo, contudo, o poder que haviam originado por meio daqueles seres, a cada Deus foi dada a oportunidade de criar apenas um dragão. E a Deusa Lua esperara pelo momento certo.

Naquele dia o dragão da Deusa sobrevoou Myriar. Suas escamas eram peroladas e refletiam uma miríade de cores impressionantes. As garras eram ameaçadoras, mas não se lançaram contra ninguém. As asas esplendorosas eram um espetáculo à parte, e um desafio à lógica. Coloridas e vibrantes assim como as asas de uma borboleta, pareciam delicadas e incapazes de levantar algo tão grande. Mas eram hipnoticamente lindas. A cauda, forte, era também fina e graciosa, e o corpo, apesar de grande, era ágil. A cabeça era arrematada por olhos azuis tão brilhantes quanto safiras.

O dragão rugiu e mesmo assim continuou a ser admirado. Os Myrianos ajoelhavam-se e rezavam, assombrados, cheios de encanto e devoção. E assim o dragão voou até que o sol se pusesse, e se foi quando a Lua apareceu, esvanecendo no céu escuro como se tivesse alcançado as estrelas.



Apenas uma pessoa em Myriar parecia alheia ao incrível acontecimento que já era considerado, enfaticamente, como um milagre da Deusa, inspiração e alento naqueles tempos difíceis em que nada parecia certo: uma outra mãe que chorava por seu filho e seu marido naquele dia.

- Mamãe... mamãe...

Uma garotinha elfa de brilhantes olhos verdes fitava sua mãe com tristeza.

- Está tudo bem, querida – a mulher respondeu – Você vai ficar em casa, esperando aqui. Vovó está vindo. Abra a porta para ela. Eu voltarei antes que você perceba minha ausência.

A mulher enxugou suas lágrimas e sorriu para a filha.

- Mamãe vai trazer seu irmão e seu pai para casa – ela disse – e daí vamos todos jantar juntos essa noite. Tudo bem? Eu prometo, Elora.

A mãe de Elora – uma sacerdotisa da Deusa, chamada Erienna, prendeu sua maça à cintura e seu escudo nas costas. Vira seu marido Fanadran sair naquela manhã, para caçar com o filho mais velho dos dois, Eladar. O sol já se pusera e eles não haviam retornado. Erienna ficara no templo por todo o dia com Elora, e só agora, em casa, se dera conta da falta dos dois. Embora eles pudessem simplesmente estar no armazém comprando mantimentos ou ter se atrasado pescando no lago, o coração de Erienna sentia que havia algo de errado.

Contudo, ela não precisou se arriscar na floresta aquela noite. Assim que botou os pés para fora de casa, com o coração palpitando, viu Fanadran e Eladar atravessando o portão. Em um primeiro momento, a sacerdotisa sentiu uma onda de alívio e gratidão percorrer seu corpo. Mas um olhar mais atento revelou algo de estranho.

Eladar estava completamente encharcado e carregava uma garotinha no colo. Uma pequena meio-elfa.



Era uma moça de bom coração e linda. Não havia quem desgostasse dela e de seu temperamento gentil e alegre. Mas quem a conhecia melhor sabia de seu lado melancólico e retraído.

Lyriel, a meio-elfa que Eladar trouxera para casa há anos atrás, crescera. Naquele dia, completava mais um aniversário. Tivera uma infância feliz em seu lar adotivo, mas havia um vazio em seu peito, causado por uma pergunta que não tinha resposta. Um vazio que parecia se acalmar e ser preenchido por uma única coisa: a história que seu “irmão” mais velho contava para ela todos os anos, naquele exato dia.

Ele estava a seu lado agora. Vestira-se com seu costumeiro manto azul e carregava a espada que ganhara de seu pai na cintura como se fosse um talismã. Sentou-se na grama ao lado dela, e passou a fitar o lago à frente.

- Você vai tentar nadar hoje? – Eladar perguntou, com a voz grave que se firmara há pouco tempo. Tinha se tornado um rapaz ativo. Não era de todo bonito, mas tinha uma figura que Lyriel secretamente admirava. Ela gostava da dignidade tranquila que ele herdara do pai. E de seus olhos. Talvez eles não

tivessem nada de especial para outras pessoas, mas a meio-elfa achava que Eladar tinha os olhos mais bonitos que ela já vira. Eram negros como a noite sem estrelas.

- Eu preciso fazer isso – ela disse – preciso me livrar desse medo tolo que chega a me paralisar.

Lyriel tinha medo de água. Um medo tão poderoso que tinha até mesmo dificuldades de ficar próxima ao lago como estava naquele momento.

- Feliz aniversário, Lyriel – ele disse.

- Obrigada – ela olhou para ele sorrindo – e meu presente?

Lyriel era linda, Eladar pensou. Não era apenas seu físico, mas era a luz que ela emanava a cada sorriso e olhar. Era especial. Talvez, não para todos, mas para ele, com certeza.

- Você quer dizer o seu *outro* presente, porque eu já lhe dei um... – ele falou timidamente.

- Sim, sim – ela continuou sorrindo – E eu gostei muito. Mas agora quero o outro presente. Você sabe do que estou falando.

Eladar havia pedido à mãe que fizesse uma água de rosas para Lyriel. A moça estava perfumada, o que demonstrava que pelo menos usara o presente. Mas seu olhar dizia que não estava nem um pouco interessada em outras coisas, a não ser no que tinha pedido naquele momento. O rapaz suspirou e resignou-se.

- Naquele dia, eu caí no rio – ele começou a contar – Eu desobedeci meu pai e corri dele para brincar de subir nas árvores, mas o galho onde eu me pendurei se partiu, e eu afundei na água gelada enquanto a correnteza me levava.

- Garoto levado – ela riu.

- Sim... como você sabe meu pai ficou desesperado e me procurou por horas e horas, pobre coitado. E eu tinha a certeza de que iria morrer naquela tarde.

- E então... – ela sorria, os olhos brilhando de satisfação, embora a meio-elfa já conhecesse aquela história.

- Então eu acabei desmaiando... mas quando acordei havia duas safiras brilhando sobre mim, como lamparinas azuladas. Eu não estava com frio e estava me sentindo muito bem. Achei que estava com a Deusa. Mas aquela não era a Deusa. Era uma criatura diferente, e era tão linda que pensei estar sonhando. As “safiras” eram seus olhos. Ela tinha asas... – ele parou como se estivesse encabulado.

- Você não precisa ficar com vergonha! – ela exclamou – você sabe que ela é verdadeira!

- Ela tinha asas de borboleta – Eladar continuou - e “escamas” que brilhavam. E havia uma garotinha deitada sobre suas costas. A criatura me pediu que eu cuidasse dela e me disse que seu nome era Lyriel. Depois disso... eu peguei a garotinha no colo, sem conseguir questioná-la, e ela levantou voo. E aqui está você hoje. A garotinha que encontrei naquele dia.

Ela sorriu.

- Você encurtou a história dessa vez – a meio-elfa disse.

- Desculpe – ele respondeu coçando o rosto, sinal de que estava nervoso.

- Está tudo bem? – Lyriel perguntou.

- Sim – a resposta não pareceu sincera.

A meio-elfa levantou. Passou a fitar o lago com o olhar compenetrado.

- O que você acha que ela era? – ela perguntou.

- A criatura? – ele refletiu – Nossa mãe nos disse que é um ser sagrado chamado dragão.

- Eu sei, mas o que você acha que ela era *além disso*? – Lyriel enfatizou suas últimas palavras, ainda olhando para o lago – Por que você acha que ela nos salvou?

- Por que você tem certeza que o dragão era “ela”? – Eladar perguntou curioso.

- Porque eu sei. Porque sonho com ela e ela é minha protetora.

Eladar espantou-se. Lyriel nunca havia dito aquilo a ninguém, e ele pensou se a obsessão de sua irmã de criação não a estaria fazendo imaginar coisas. Lyriel sempre gostara de ouvi-lo falar sobre o dragão e quando pequena só pensava nisso. Suas principais brincadeiras sempre envolviam o dragão, seus brinquedos de madeira tinham de ser moldados à sua forma.

- Por isso mesmo eu não preciso mais ter medo de nada. Nada – ela disse, e de repente subiu correndo no pequeno trapiche que adentrava o lago e simplesmente pulou, vencendo de alguma forma a fobia que sentia.

- *Lyriel!* – ele berrou naquele exato momento.

Eladar levantou-se assustado. Lyriel afundou e não voltou, o que fez o rapaz pular na água sem pensar duas vezes, subindo pelo trapiche aos tropeços.

A jovem meio-elfa ficou paralisada dentro da água. Estava cercada pelo seu maior medo, e descobriu que seus membros simplesmente não a obedeceriam. Tremia descontroladamente ao se sentir afundar. Fechou os olhos. Soltoou o ar de seus pulmões. Por algum motivo, precisava fazer aquilo. Simplesmente precisava.

E então ela soube a razão.



- *Como pôde fazer isso?* – Eladar gritava enquanto subia para a superfície do lago, trazendo Lyriel consigo – Lyriel, você não sabe nadar!

Ela tossia e não respondeu nada. Eladar nadou desajeitadamente até a beira do lago e a tirou o mais rapidamente possível da água.

- Por que isso hoje, Lyriel? – ele perguntou vendo que lágrimas escorriam na face dela – Estou preocupado com você. Dragões, dragões... será que você não consegue olhar para o que há no presente para você? Será que você só consegue pensar no passado?

Ela começou a soluçar, o que o silenciou.

- Eu lembrei – ela disse alguns segundos depois – Eu me lembrei...

- Do que...? – ele questionou com o coração apertado.

- Do dia em que caí na água pela primeira vez – ela respondeu – assassinaram meu pai e corriam atrás de nós... minha mãe se jogou no rio comigo... e eu e ela estávamos morrendo, mas então veio... uma luz... a luz...

Ele segurou os ombros da meio-elfa.

- Acha que era o dragão? – ele perguntou – É isso?

- A luz estava em minha mãe... ela... ela...

- Lyriel...

- Preciso ir embora – ela disse respirando fundo, tentando parar de tremer – Preciso fazer algo para que esse tipo de coisa não aconteça mais... aqui não é meu lugar. Minha missão não é viver em paz enquanto outros morrem e sofrem. Eu não posso compactuar com isso. Vocês me ensinaram a portar uma espada. Uma espada parada não serve a ninguém.

Ela olhou para os olhos de seu irmão de criação. Aqueles olhos, que ela achava tão bonitos, que eram capazes de roubar sorrisos de seu rosto, estavam tristes. Ele murmurou seu nome, incapaz de dizer outra coisa. Queria pedir a Lyriel que não o deixasse sem ela, mas a jovem acariciou seu rosto naquele exato momento.

- Eladar... – ela murmurou, aproximando-se.

E uniram seus lábios na expressão de um sentimento que por muito tempo haviam escondido, e só agora admitiam um ao outro.

Contudo, demoraria muito para que os dois voltassem a fazer aquilo.



“Por que nos fizeste tão frágeis?”

Aquele lamento de mãe, que ecoara com tanta força e tristeza, fora ouvido pela Deusa. Katriana desejara naquele dia ser uma fera. Desejara ter dentes, garras, ou o que fosse, para defender sua filha.

E naquele dia, a Deusa, compadecida, decidiu criar seu primeiro dragão.

Tomou o corpo daquela mãe que morrera em desespero e a transformou com suas próprias lágrimas, que vertera por amor. Transformou-a como ela desejara, despejando o dom da divindade naquele corpo frágil, e abnegando seu próprio direito de criar para testemunhar o que nasceria a partir da vontade daquela mãe. E então a Deusa viu surgir, à sua frente, uma criatura contraditória em sua natureza: ferocidade e delicadeza, fragilidade e força. A dragoa-mãe era linda e amedrontadora. Talvez aquela fosse uma expressão do amor de Katriana por sua filha. Do amor que uma mãe, se amasse verdadeiramente sua cria, poderia sentir. O perfeito equilíbrio entre força e doçura.

Katriana transformou-se em algo esplendoroso. E a Deusa jamais se arrependeu de ter derramado sobre ela aquela benção.

A dragoa salvou sua filha e também outro filho de alguma mãe que o perderia naquela tarde. Lyriel e

Eladar foram tirados do rio por Katriana, que logo depois despedaçou os monstros que as seguiam e matou também outros daqueles humanos que encontrou pelo caminho. Quando a Deusa percebeu o que estava acontecendo e percebeu que a dor de Katriana a levaria por um caminho sangrento, ela chamou sua filha.

“Retorne a mim”.

Hipnoticamente, a dragoa obedeceu, mas antes voou por Myriar mostrando sua forma e espalhando um presságio de boa sorte e benção pela cidade. Logo depois disso desapareceu, sendo levada para o reino de sua divindade, e compreendeu que tivera seu desejo concedido; contudo, seu lugar não era mais em Edrim. Era agora uma mensageira sagrada, um avatar de sua Deusa, e a expressão do amor da Lua por seus filhos.

E ainda assim, parecia não ter conseguido realizar seu intuito.

- *Por que estás triste, filha minha?* – aquela voz suave a questionou. Era impossível não se sentir acolhida com a sua presença e a sua luz.

- Deusa, minha mãe – a dragoa disse – Sabes que tenho observado minha filha por todos esses anos.

- *Sim...*

- Naquele dia, eu lamentei por nosso destino e tu permitiste que eu a salvasse.

- *E agora te afliges por ela...*

A Deusa circundou Katriana em sua forma de energia, preenchendo o local onde estavam de luz.

- Eu a salvei, mas não a salvei ao mesmo tempo – a dragoa lamentou – Eu quis que ela ficasse em Edrim para que pudesse viver. No entanto, ela não vive. Deixei para trás uma criança que busca incessantemente por respostas às suas angústias. Ela acaba de abandonar a família que cuidou dela, amedrontada pelo amor que nasce em seu peito. Seu coração não se aquieta...

- *Tu morreste, minha filha, clamando por vingança e justiça* – a Deusa murmurou – *Lembra-te do quanto derramaste de sangue naquele dia? A mãe tem sempre um elo com seu filho. Um pouco da mãe sempre estará em sua cria, quer ela queira, quer não. Você deu a ela esta herança, Katriana. O vazio de teu peito naquele momento ainda vive nela.*

- Por que deixaste, então, que eu a salvasse? – a dragoa balançou a cabeça.

- *Isso estaria com ela de qualquer maneira. A tua morte foi brusca e o poder de teus sentimentos se alastrou por Lyriel e marcou sua alma. Isso não fui eu quem determinou. Foste tu. Lembra-te de que todos vós tendes o poder de criar e recriar. Não pensem que são marionetes em nossas mãos, porque não são.*

- Então, dá-me a liberdade de estar com ela novamente! – Katriana afirmou em um tom firme – se é verdade que assim somos, deixa-me voltar a Edrim! Deixa-me estar com Lyriel!

- *Se lá ficares nesta tua forma por muito tempo, irás desestabilizar a energia de todo um planeta* – a Deusa intensificou seu brilho – *mas se este for teu desejo, há uma forma... agora que teu coração está limpo do ódio e que compreendeste o quanto a eternidade apaga e transforma aquilo que acontece em vossas vidas... estás pronta, Katriana.*



Por dez anos ela vagou por Edrim. Sozinha ou acompanhada, Lyriel buscava aplacar o anseio em seu peito. Tinha sede de justiça, e também sede de vingança. Lutava por equilibrar essas forças dentro de si, tentava focar-se na justiça, no bem, na vontade de ajudar aqueles que ainda tanto sofriam. Sua espada e seu escudo tornaram-se símbolos de luz e retidão. Era uma paladina. E chamavam-na a “Dama da Borboleta”. Pois onde quer que Lyriel fosse, havia sempre uma borboleta a acompanhando. Grande, com suas asas azuis brilhantes, ninguém sabia ao certo o que aquilo significava – nem mesmo a própria Lyriel – mas dizia-se que certamente seria alguma benção da Deusa.

A borboleta, por mais estranho que aquilo parecesse, tornou-se sua melhor amiga e companheira. Sempre fechada, sempre sozinha por mais que estivesse acompanhada, Lyriel não via mal em falar com aquela curiosa criatura que jamais a abandonava. Com o tempo, a Dama da Borboleta passou a ser vista como uma protetora excêntrica. Sua beleza e sua bondade a salvaguardavam de denominações mais maldosas, mas era certo que aquela mulher não era comum, falando com sua borboleta como se fala com um amigo. Talvez tivesse sido tocada pela Deusa, e não pudesse ser compreendida pelos mortais comuns. E realmente algum poder circundava Lyriel, algum encanto. Suas vitórias e conquistas na luta pelo convívio entre elfos e humanos seriam cantadas pelos bardos, mas depois de algum tempo ninguém mais sabia seu nome. Ela era apenas a Dama da Borboleta. Um construto. Uma imagem, um conceito andante, alguém que já não se sabia mais quem era além daquilo que realizava.

Naqueles dez anos ela não retornou mais a Myriar. E com o tempo começou a se esquecer do que vivera lá. Com o tempo os olhos que ela havia amado começaram a desaparecer de seus sonhos. Ela se esqueceu da voz de Eladar. E de seus traços, seus gestos...

E Lyriel esqueceu-se de si própria também.

Foi nesse momento que sua companheira começou a fraquejar.

As asas começaram a perder a cor e a vitalidade. Já não voava mais como antes e a cada dia parecia diminuir. Lyriel começou a desesperar-se. Chorava como uma criança que estava perdendo seu melhor amigo ou mesmo sua mãe. Consultou sacerdotes com sua borboleta em mãos, e disseram-na que era natural que insetos morressem daquela forma, e que o milagre estava no fato de ela ter durado tantos anos.

E ela não se conformava. Sua única companheira. Sua amiga. Estava sozinha agora.

Naquela noite solitária, Lyriel percebeu o absurdo de sua condição. Em meio à dor, decidiu que talvez fosse hora de voltar para casa. Talvez fosse hora de rever aqueles que amava e deixar um pouco de lado a busca incessante que empreendera. Percebeu que jamais encontraria resposta alguma fora de si. Precisava se acalmar. Precisava fazer algo que talvez temesse mais do que um dia temera a água: refletir e olhar para dentro de si.

Pela manhã pegou seu cavalo e partiu em direção à Myriar. Cavalgou por quatro dias quase sem pausas, e então começou a divisar a linda cidade onde vivera. Sorriu em um primeiro momento, feliz ao rever seu antigo lar. No entanto, o sorriso se desfez segundos depois.

Havia algo errado.



Na entrada da cidade, uma enorme sombra negra. Algo aterrador e massivo que Lyriel jamais imaginara existir. Parecia tão surreal que ela demorou um tempo para ter qualquer reação. Parou seu cavalo, desceu da sela e passou a fitar aquela criatura incompreensível. O cavalo trotou desesperado para longe, deixando Lyriel sozinha à mercê daquele estranho ser que exalava soberania.

Ele dormia como se estivesse satisfeito, em uma posição calma e relaxada. O ar que saía de suas enormes narinas castigava a vegetação e chamuscava folhas e insetos. Era um dragão. Lyriel soube daquilo mesmo sem jamais ter visto um, e seu coração batia como nunca havia batido. Ela sentia um misto de medo e excitação. Sempre tivera fascínio por aquelas criaturas. Sempre quisera encontrar uma delas.

Mas aquele dragão não se parecia em nada com o dragão de suas histórias infantis. Parecia feito de sombras, tamanha era sua escuridão, capaz de tragar o olhar de quem o fitasse. Tinha escamas brilhantes e negras, possuidoras de saliências deformadas e cortantes. As patas enormes e nodosas tinham garras retorcidas, e a cabeça reptiliana, tão grande quanto um pequeno monte, possuía dois longos chifres. Ele era uma criatura magnífica, mas inspirava medo e agonia. Lyriel deu três passos à frente, como se tomada por algum tipo de encanto, e foi então que, de repente, ela viu algo que até agora ignorara.

Uma grossa corrente de metal adornava o longo pescoço da criatura, e mesmo a Lyriel ficava claro que aquilo possuía algum tipo de magia, pois pulsava com uma energia avermelhada. E preso ao estranho artefato como se fosse um pingente, estava um homem. Os dois braços estavam atados às extremidades da corrente, e ele só não havia sido esmagado pelo corpo do dragão porque a criatura parecia ter deitado de modo que seu improvável enfeite ficasse posicionado ao lado, e não abaixo, de seu pescoço enorme.

Lyriel começou a andar mais rapidamente. Não reconhecia ainda quem era aquela pessoa, mas parecia saber que não seria outra senão aquela que ela mais esperava reencontrar. Lágrimas começaram a escorrer de seus olhos quando ela confirmou, afinal, o que já sentia.

Aquele teria de ser seu reencontro com Eladar.

Embora o dragão parecesse estar dormindo tranquilamente, bastou que Lyriel ficasse mais próxima para que ele abrisse seus olhos. E então veio o medo. Um pavor indescritível, causado pelo verde doentio que a encarava. Lyriel estacou, utilizando-se de toda a sua força de vontade para não correr, enquanto o dragão levantava sua cabeça e seu corpo, deixando Eladar dependurado em seu pescoço como se fosse um objeto. Mas havia alguma vida nele, pois também pulsava energia como a corrente, em um ritmo pausado e familiar.

Ele pulsava como um coração.

Lyriel tremia exageradamente, não só de medo, mas também de frio. Agora percebera que a criatura não exalava calor, e as folhas abaixo de suas narinas não estavam chamuscadas por fogo, e sim, por gelo.

Quem é você, mulher? O que traz aqui?

As palavras soaram na mente da meio-elfa, em uma voz clara e absolutamente perturbadora. Vinha do dragão, mas ele não abrira sua boca. Apenas a encarava com uma fúria contida, embora enorme.

Lyriel tirou sua espada da bainha, e, mesmo que mal soubesse o que fazer frente àquela criatura que se

mostrava invencível apenas com um olhar, seu espírito jamais aceitaria que ela assistisse àquela estranha situação passivamente.

Lyriel... Lyriel...

Agora a voz era outra. Uma voz cálida, feminina e maternal, que lhe pedia que fechasse os olhos. A meio-elfa pensou que não podia fechar os olhos naquele momento, mas o fez por um segundo.

Foi o tempo suficiente.



- Você tem certeza que quer fazer isso?

Erienna olhava para seu filho mais velho com certa melancolia. Ele vestia uma armadura leve e roupas de viagem. Os olhos estavam um pouco mais animados e brilhantes, livres da tristeza insistente que o acompanhara desde que Lyriel se fora.

- Sim, minha mãe. Eu vou procura-la. Preciso vê-la de novo.

Sua irmã, Elora, o abraçou no mesmo momento, tão emocionada quanto a mãe. Havia um anel de noivado em sua mão direita.

- Queria que você estivesse aqui, no nosso casamento... Verlon também...

- Quem sabe eu não esteja, e com ela? – Eladar disse, acariciando o rosto molhado de lágrimas da irmã – Não seria bom?

Elora sorriu. Sim, seria bom.

A imagem então se desfez como se houvesse sido transformada em neblina, apenas para revelar outra cena.

Eladar agora aparecia sozinho. Sentado sob a sombra de um carvalho, descansava e olhava um mapa feito em couro, por meio do qual aparentemente buscava traçar o caminho mais rápido até a próxima cidade. Parecia animado com algo. Tirou de um pequeno bolso preso a seu cinto um pedaço de pergaminho, e passou a observá-lo com um sorriso.

No pergaminho havia um desenho. Uma borboleta azul. Ele discretamente apertou o pergaminho contra seu peito, respirou fundo, e esticou suas pernas na grama.

Foi então que alguém apareceu.

Eladar levantou-se sobressaltado quando viu a figura que se materializou como mágica à sua frente, na companhia de dois elfos de pele acinzentada e olhares frios.

- *Selahad!* – Eladar gritou tirando a espada da bainha – O que está fazendo aqui? Quem são esses...

- Cale-se – um homem belo, de altura avantajada e longos cabelos negros vestido com a insígnia de Myriar respondeu, com a voz tão retumbante quanto a de um trovão – Você nunca gostou de mim, não é? Você estava certo em não gostar, Eladar.

Eladar cerrou seus olhos em fúria e preparou-se para atacar.

- O seu maior problema, meu caro – Selahad disse antes de fazer qualquer coisa, parecendo não estar preocupado com a postura ofensiva de seu adversário – é que eu *também* nunca gostei de você.

Novamente, a imagem desvaneceu como sangue na água. E o que Lyriel viu a seguir encheu sua alma de dor e desespero.

Era um lugar escuro, iluminado apenas por algumas tochas de fogo crepitante e avermelhado. No centro havia uma mesa de pedra talhada toscamente, sustentando um corpo frágil e alquebrado, pequeno no meio daquele enorme salão. Estava ferido e sozinho, o homem que ela abandonara. Seu amigo, seu irmão, seu amado.

Selahad aproximou-se, e, sem nenhuma hesitação, cravou um punhal no coração de Eladar. Ele cerrou as mãos presas por correntes, mas não gritou em nenhum momento. Apenas olhou para seu assassino com tamanha fúria, que Lyriel não reconheceu seus olhos. Os olhos que ela amava.

Era um ritual. Algo tão profano e sujo que Lyriel desejou por um momento não ver aquilo. Selahad arrancou o coração de Eladar e o entregou à mesma elfa de pele acinzentada que estivera com ele na cena anterior. Ela repetiu palavras com uma voz profunda e agressiva, palavras que Lyriel não entendia. E então, outra visão aterradora invadiu sua mente: um enorme monstro de sombras começou a se formar naquele lugar, sendo conjurado por outra criatura, algo tão temível e sombrio que sua imagem simplesmente não conseguia se fixar na memória de Lyriel.

Aquela havia sido a criação de outro dragão. Por outro Deus.

Rapidamente, como se sua mente estivesse sendo agredida por memórias dolorosas, Lyriel viu outra cena. Selahad, de volta a Myriar, presenteava seu aprendiz Velnor, o primeiro meio-elfo de toda Edrim, com uma jóia. Um medalhão de ônix trabalhado em ouro e prata. O rapaz o colocou no mesmo momento, feliz com a celebração de seu aniversário. Todos pareciam estar alheios ao que havia acontecido com Eladar.

Estavam sendo enganados. Ludibriados. Selahad era um traidor, pensou Lyriel desesperada. E ela viu Velnor desabar no chão no exato segundo em que colocou seu medalhão. A pedra negra colou-se ao peito do meio-elfo, como se sugasse toda sua energia. Elora, sua noiva, sua amada, gritou em um lamento de agonia e desespero, como se aquilo a ferisse também.

“Lyriel... meu irmão me traiu”.

A voz maternal voltou a falar naquele instante, assim que as visões pararam bruscamente.

“Meu irmão me traiu. Mandou-me um de seus arcanjos como um presente logo após o nascimento de Velnor, felicitando-me por essa criação inédita e festejada por todos nós. Eu permiti que esse arcanjo se materializasse em teu mundo e fizesse parte do povo de Myriar... Eu dei a ele um corpo. Ele é Selahad. Ele é Selahad, o Arcanjo traidor, o Profeta das Sombras, que ajudou meu irmão a me trair e invadir Edrim! Meu irmão, um Deus, um Deus... voltou-se para as Sombras que se tornam maldade. Ele tinha inveja, e eu não vi... ele cobiçava, e eu não senti... ele odiava, e eu jamais pude perceber... não pude perceber o quanto ele desejava destruir minha criação, o primeiro meio-elfo, porque jamais fui capaz de compreender aquilo que nunca senti. Lyriel, meu irmão vibra em uma frequência tão negativa, que eu já não consigo chegar a vocês como chegava antes... Ele está aí... ele quer o mundo de vocês. Ele criou seu dragão e sacrificou Eladar para torna-lo seu coração. Fez isso apenas porque a crueldade o satisfaz... e ele tomou Velnor e o infectou com parte de si. Meu irmão...”.

A voz lentamente desapareceu. Quando Lyriel abriu os olhos, apenas um segundo, um pequeno instante, havia se passado.

O dragão negro continuava a encarar a meio-elfa. Ela tirou seu escudo das costas. A desesperança invadia seu coração. Olhou para Eladar e lembrou-se do que Selahad fizera com ele. Perguntou-se por que ninguém estava ali, por que nenhum Cavaleiro Branco aparecera em seu auxílio. Talvez estivessem todos mortos... nesse momento, seus olhos encheram-se de fúria.

Estranhamente, o dragão negro parecia hesitar.

- O que teme? – ela gritou – A mim? Ataque-me, besta das sombras!

Criatura insignificante...

Era ele. Falando em sua mente.

- Talvez! – ela berrou com a espada erguida, lágrimas de ira e dor escorrendo por seu rosto – Mas você está com seu coração muito exposto, não acha?

Se o dragão pudesse, ele teria sorrido. Mas apenas intensificou seu olhar na direção da meio-elfa.

Você também.

Ele inalou como se fosse suspirar. Mas o resultado daquilo obviamente não seria um suspiro.

Nesse instante, em que Lyriel sabia que iria morrer, ela olhou instintivamente para o lado, como se sentisse algo próximo a si. E em seu ombro, novamente, estava sentada a borboleta.

A meio-elfa sorriu, sentindo os olhos embaçados, e pensou que sua amiga havia voltado, recuperado sua vitalidade, para também estar ali uma última vez. Para acompanhá-la naquilo que deveria ter sido um reencontro e se tornara um pesadelo. Ou talvez ela estivesse delirando.

Mas ela logo descobriria que a borboleta não era delírio.

O dragão negro soprou, abrindo a boca e as narinas em sua máxima envergadura, disparando um jato de gelo e fúria que congelaria Lyriel em poucos segundos. A meio-elfa começou a sentir as pernas endurecerem e o corpo ser queimado pelo frio, mas correu em direção ao seu oponente com a espada em punho, gritando de dor e ira, sabendo que jamais conseguiria a vingança que naquele momento desejava.

Foi quando ela sentiu calor. Um calor agradável.

Já... parti?, ela pensou, ainda sentindo suas pernas correrem, embora acreditasse que tivesse morrido. Por reflexo, Lyriel olhou para cima.

Cores e brilho invadiram sua visão, e ela viu, à sua frente, o jato de gelo ser aparado pela mais esplêndida transformação que já presenciara. *A borboleta!* Era ela! Era enorme, e reluzia em uma beleza incomparável, seu corpo transformado em algo tão brilhante como cristal... e os olhos, duas safiras... era como...

É como ele me contou... os olhos de safira... Eladar...

A meio-elfa sentiu o corpo ser atingido pelos resquícios do blefe do dragão negro. Defendeu-se com seu escudo como pôde, e ouviu uma voz se erguer, dessa vez não em sua mente.

- Lyriel, afaste-se! Ninguém do seu tamanho pode com ele!

Era a dragoa, sua beleza transformada em ferocidade, dentes e garras a postos. Seu adversário a olhava com ódio, e quem soubesse decifrar a expressão de uma criatura como aquela, enxergaria também medo. Nada que não pudesse suplantar com soberba e violência, ele pensou.

E naquele dia, choveu sangue sob Myriar. Sangue de dragão.



Por longos minutos, Lyriel assistiu assombrada ao combate que se desenrolou nos céus de Edrim. O sol que fazia brilhar as escamas da dragoa com improváveis asas de borboleta fazia seus olhos doerem, mas o brilho misturado ao vermelho do sangue que respingava a cada mordida ou garra que abria talhos e feridas parecia hipnótico.

Nenhum deles cedia. A dragoa era menor e parecia mais frágil, mas lutava com tamanha ferocidade, com tamanho fervor, que Lyriel lembrou-se de todas as vezes que tentara brincar com filhotes em sua infância e fora prontamente expulsa ou atacada pelas mães, que não mediam esforços para proteger suas crias. *Sim, ela pensou... essa dragoa é uma mãe.*

O dragão negro, por sua vez, atacava com agressividade e frieza efetivas, ferindo a fêmea muito mais vezes do que ela o feria. Ele sabia, no entanto, que isso não era causado pelo tamanho menor ou falta de força de sua oponente. Por mais que se mostrasse feroz, por mais que quisesse derrotá-lo, a dragoa hesitava. Isso dava ao dragão negro brechas que não teria caso sua adversária estivesse mais concentrada no embate. Ele sorriu para si mesmo, desprezando a tolice da dragoa. Estabeleceu rapidamente um elo empático com ela e declarou:

Não adianta tentar não atingi-lo. Para me derrubar, terá que destruí-lo.

Não que ela pudesse fazer isso, ele considerou. Mas era divertido ver os olhos de safira brilharem de ira agora que ela tinha certeza de sua situação. Seu criador sabia o quanto as criaturas e seguidores de sua irmã, a Deusa Lua, eram tolos. Sofriam por pouco, fraquejavam por tudo, e não raramente deixavam muitos morrer para salvar a vida de um. Era fácil manipulá-los. Em Myriar, haviam hesitado em lutar contra ele ao ver quem ele mantinha subjogado como seu coração. Mesmo enquanto congelava a cidade inteira com seu sopro.

Contudo, o dragão negro subestimou sua adversária. Quando Katriana, a dragoa, entendeu que não havia outra maneira, sua ressalva desapareceu. Ela olhou para Eladar, o garoto que ela salvara há anos atrás de um lago gelado.

Você já está morto de qualquer maneira, querido... e há quanto tempo... você não tem o seu coração com você...

Em uma manobra súbita e arriscada para si mesma, Katriana colocou-se bem abaixo de seu adversário, deixando seu pescoço exposto. O dragão negro percebeu o intuito da dragoa e, com agilidade surpreendente, mordeu-a no pescoço. Cravou seus caninos o mais profundamente que pôde nas escamas e carne de sua adversária. Ela rugiu, sentindo uma dor excruciante, mas mesmo assim tratou de avaliar sua situação.

Sua cabeça estava próxima de Eladar. Não o suficiente para que ela pudesse mordê-lo, pois o dragão negro a parara rapidamente com seu ataque. Contudo...



Tudo aconteceu rápido. Lyriel viu sua fiel amiga e protetora ser atacada e abafou um grito de aflição. Mas não conseguiu fazer o mesmo quando viu a corrente avermelhada que prendia Eladar ao dragão ser partida por um poderoso sopro de energia luminosa da dragoa.

E Eladar despencou dos céus em velocidade vertiginosa.

O dragão negro, em desespero, tentou se lançar em direção ao rapaz para evitar que ele caísse no chão, mas Katriana virou sua mandíbula como pôde, cravou seus dentes com sede de retribuição no pescoço de seu adversário, e girou seu corpo violentamente para baixo, de modo que as garras de ambos se encontrassem.

Lyriel correu como jamais correria em sua vida. Não poderia fazer nada por Eladar, ela sabia, mas corria como se pudesse. Os dragões começaram a girar nos céus em uma dança mortal, espalhando sangue e rugidos ao pôr-do-sol, transformando-o em um quadro macabro. Quando Eladar atingiu o chão, o dragão negro passou a cair sem vitalidade, enquanto Katriana o afastava como podia. Afastava-o para que eles não atingissem Lyriel e Eladar com sua queda - mais do que já haviam atingido.



As lágrimas escorriam abundantes e silenciosas dos olhos de Lyriel. Compenetrada, ajoelhou-se ao lado daquilo que um dia havia sido seu irmão de criação. Seus joelhos estavam afundados em neve e sangue. A cidade estava congelada. Eladar estava morto. Entre o sangue e os resquícios de seu corpo, Lyriel achara um pergaminho ensanguentado. O pergaminho com o desenho de uma borboleta.

O frio começava a consumi-la. Não só o frio do gelo que a cercava, mas também o frio de sua desesperança. Um frio parecido com aquele que a cercara há anos e anos atrás, quando ela sentira o desespero de sua mãe ao morrer na água gelada. Agora, finalmente, lembrara-se de tudo tão claramente quanto se recordava do que havia feito no dia anterior.

Seu corpo já não respondia mais. Talvez não devesse desistir daquela maneira, talvez devesse tentar fazer algo pela cidade, mas naquele momento, era impossível reagir.

Lyriel tombou no gelo, deixando que o frio e o sono a tomassem.



Lyriel... acorde.

A meio-elfa abriu os olhos assim que ouviu uma voz feminina a chamando.

- Olhos de safira... – ela disse, quando conseguiu identificar o que estava à sua frente, e sorriu – Eladar sempre me disse que você tinha olhos de safira.

Katriana a fitava bondosamente. A meio-elfa levantou o tronco, e percebeu que estava aninhada ao corpo da dragoa, sendo protegida e guardada por ela. Não sentia mais frio ou dor.

- Estou morta? – Ela perguntou.

- Não, querida. Olhe ao redor.

Ainda estavam em Myriar. As casas e tendas de tecidos coloridos, o templo de paredes de marfim que reluziam ao sol da manhã, o complexo de pequenos prédios retangulares e pátios de treinamento que serviam como sede da Ordem dos Cavaleiros Brancos, tudo estava lá. Mas agora o gelo havia desaparecido.

- O dragão negro... - Lyriel falou aflita – o que aconteceu?

- Ele se foi.

- Morreu?

- Dragões não morrem, querida. Apenas perdem sua forma original e ficam reclusos em um longo período de exílio, até que possam retornar novamente à sua glória...

- Ele vai retornar?

- Não. Ele ficou pequeno como um morcego, e eu o engoli – ela deu uma risada em forma de rugido – E eu não ficarei aqui...

Lyriel parecia fascinada pela figura que estava à sua frente, mas não havia mais sinal de empolgação ou deslumbramento em seus olhos. Sua tristeza era óbvia.

- Eu espero que agora você tenha entendido, Lyriel, minha filha... assim como eu entendi.

A meio-elfa olhou para a dragoa com os olhos cheios d'água.

- Você é mesmo... minha mãe?

Katriana fez um sinal afirmativo com sua cabeça.

- E agora eu posso lhe ensinar alguma coisa.

A dragoa ergueu uma de suas asas que estava próxima ao chão. E lá estava Eladar de novo, não com o corpo destruído como Lyriel o encontrara antes, mas como se dormisse em um sono profundo. Não respirava, mas estava ali novamente.

- Pela Deusa... – Lyriel murmurou – Eladar...

A meio-elfa se aproximou do corpo de seu amado, e acariciou seu cabelo delicadamente.

- No dia em que morri, minha filha, eu desejei com todo o meu espírito continuar ligada a uma vida – a sua vida. Não foi possível. No entanto, a Deusa me deu a oportunidade de salvá-la e entregá-la a uma família maravilhosa. Você cresceu, se tornou uma mulher... mas também quis ficar ligada a algo que não mais pertencia a esse mundo. Eu retornei na forma que me foi permitida, e vi você desperdiçar a sua vida, não porque decidiu sair de Myriar e se tornar quem você se tornou, mas sim pelos motivos pelos quais fez isso.

Lyriel ficou em silêncio, mordendo os lábios e olhando para Eladar.

- Quando comecei a esmorecer nesse mundo, em minha forma menor, foi porque decidi que era hora de deixá-la livre. O seu coração entrou em desespero. Mas agora, minha filha, como está seu coração?

Lyriel colocou a mão sob o peito, respirando fundo e deixando lágrimas verterem de seus olhos. Aquilo

foi resposta suficiente.

- Um dragão não pode morrer, querida. A não ser que seja sua escolha.



Naquela manhã atípica, Myriar foi tomada por uma revoada de borboletas azuis. Aos poucos, as pessoas que haviam tombado frente ao gelo do dragão negro abriram seus olhos. A primeira coisa que viam eram as borboletas, que eles sabiam, de alguma forma, serem as responsáveis por aquele milagre.

Não demorou muito para que percebessem que aquilo não era um sonho. A cidade passou a ficar movimentada, com pessoas andando nas ruas, abraçando-se, festejando. Estavam assustadas, mas haviam retornado. Estavam vivas. O dragão negro havia desaparecido.

A revoada continuou por um bom tempo. Em meio à alegria e ao deslumbramento, poucos foram os que viram uma cena que jamais poderia ser esquecida.

Uma jovem e linda meio-elfa, cercada por milhares e milhares de asas azuis iluminadas, levitava a poucos centímetros do chão, como se erguida por aquelas pequena criaturas. Em seus braços, havia um homem.

Ninguém soube dizer ao certo o que aconteceu naquele dia. Exceto por duas pessoas.



- Você tinha razão. Ela tinha mesmo olhos de safira, Eladar.

Ele sorriu e tocou o próprio peito.

- Ela me pediu que eu usasse meu novo coração com sabedoria – ele respondeu – e, acima de tudo, com amor.

- A mim, ela pediu o mesmo – Lyriel respondeu.

O peito de Eladar brilhava com uma tênue luz azul. Se ele tivesse tido tempo o bastante, teria talvez sido conhecido como o homem de coração de dragão. Mas mesmo que o destino reservasse aos dois pouco tempo naquele mundo, ao menos como Eladar e Lyriel, no momento, nada daquilo os afetava. Nem mesmo a ameaça que ainda existia em Edrim, sob a forma de um Deus maligno.

Naquele momento eles apenas uniram seus lábios pela segunda vez, preenchidos pela vida que uma dragoa os oferecera.